

Sobre O Meio (Sem Fim- Nem-Começo)

About The Midst (Without End-Or-
Beginning)

Sobre El Medio (Sin Fin-Ni-Comienzo)

Matheus Abel Lima de Bitencourt¹

¹ Artista e doutorando na linha de Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). Investiga processos de escrita e modos de leitura, pensando a partir do dispositivo diagrama. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7884665444578879>, Orcid <https://orcid.org/0000-0002-2214-4377>. e-mail: exerciciozero@gmail.com

RESUMO

Ao pensar um processo artístico em todas suas camadas (im)possíveis, é inevitável que haja uma constante movimentação, um vaivém, uma errância conectada via retroalimentação em ressonâncias – talvez uma “ressonerrância” – criando pontes e pontos de partida e chegada, e vice-versa: ao mesmo tempo pergunta e resposta na pesquisa e prática artística. Em desterritorializações e reterritorializações constantes se tece uma rede heterogênea, teia rizomática, sem centro, começo ou fim. Feita de linha(s) de fuga(s), traz à tona questões, (re)arranjos e (re)configurações. Há um andarilhar errático, um nomadismo acontecendo de marco zero a marco zero – estes não fixos eles mesmos –, tomando desvios pelo fora, no funcionamento e operação de uma espécie de sistema ou máquina abstrata que põe em ação o pensar e o fazer, indissociáveis, embora carregando especificidades e singularidades cada – como se numa simbiose. Como se dá um processo e quando se dá um processo? Processos são disparados a cada esbarrão entre situações: ideias, leituras, escutas, escritas, trabalhos. Ainda assim, para que esse seja disparado e o esbarrão aconteça, é preciso que antes algo seja posto em movimento: situações outras – dando início a um andarilhar, caminhar, um nomadismo não necessariamente envolvendo um deslocamento do corpo, mas podendo acontecer numa estante, mesmo num processo de escrita. Tal movimento é o que propulsiona, numa retroalimentação, um processo a operar – inseparável do movimento e dos nomadismos das linhas de fuga disparadas dos esbarrões: germinadores de meios, marcos zeros, pontos de passagem. Um processo nômade transborda margens de erro: não do erro enquanto rasura (embora a ideia seja interessante a ser investigada), mas do erro enquanto errância. Margens de erro, quando perfuradas pelo caminhar claudicante e nômade do artista pesquisador, dão vazão a vibrações, reverberações e ressonâncias.

PALAVRAS-CHAVE

Processos artísticos; Processos de escrita; Diagrama; Nomadismos; Rizoma.

ABSTRACT

When thinking about an artistic process in all its (im)possible layers, it is inevitable that there is a constant movement, a coming and going, an erratic wandering connected via feedback in resonances creating bridges and points of departure and arrival, and vice versa: the work being at the same time question and answer in research and artistic practice. In constant deterritorializations and reterritorializations, a heterogeneous network is weaved, a rhizomatic web, without center, beginning or end. Made of line(s) of flight(s), it brings up questions, (re)arrangements and (re)configurations. There is an erratic wandering, a nomadism happening from ground zero to ground zero - these are not fixed themselves -, taking detours from the outside, in the functioning and operation of a kind of system or abstract machine that puts thinking and doing into action, inseparable, although carrying specificities and singularities each – as if in a symbiosis. How does a process take place and when does a process take place? Processes are triggered at each bump between situations: ideas, readings, listening, writing, work. Even so, for this to be triggered and the bump to happen, something must first be set in motion: other situations – starting a wandering, walking, a nomadism not necessarily involving a displacement of the body, but which can happen on a shelf, even in a writing process. Such a movement is what propels, in a feedback loop, a process to operate – inseparable from the movement and nomadism's of the lines of flight shot from the bumps: germinators of means, zero marks, crossing points. A nomadic process overflows margins of error: not of error as erasure (although the idea is interesting to investigate), but of error as errancy. Margins of error, when punctured by the limping and nomadic walk of the researcher artist, give vent to vibrations, reverberations and resonances.

KEY-WORDS

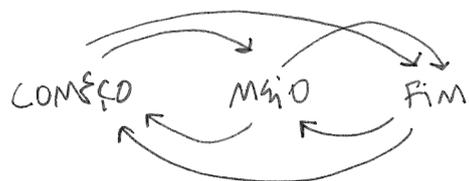
Artistic processes; Writing Processes; Diagram; Nomadism; Rhizome.

RESUMEN

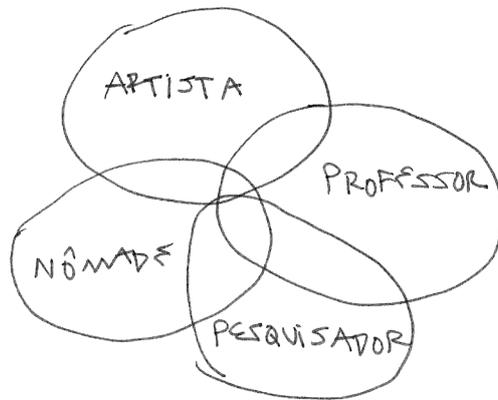
Al pensar en un proceso artístico en todas sus (im)posibles capas, es inevitable que haya un movimiento constante, un ir y venir, un deambular conectado a través de la retroalimentación en resonancias creando puentes y puntos de partida y llegada, y viceversa: al mismo tiempo pregunta y respuesta en la investigación y la práctica artística. En constantes desterritorializaciones y reterritorializaciones, se teje una red heterogénea, una red rizomática, sin centro, principio ni fin. Compuesto por línea(s) de vuelo(s), plantea preguntas, (re)arreglos y (re)configuraciones. Hay un deambular errático, un nomadismo que va de punto cero a punto cero – estos no son fijos en sí mismos –, tomando desvíos desde el exterior, en el funcionamiento y operación de una especie de sistema o máquina abstracta que pone en acción el pensar y el hacer, inseparables, aunque con especificidades y singularidades cada uno, como en una simbiosis. ¿Cómo se lleva a cabo un proceso y cuándo se lleva a cabo un proceso? Los procesos se desencadenan en cada colisión entre situaciones: ideas, lecturas, escucha, escritura, trabajos. Aun así, para que esto se desencadene y se produzca el batacazo, primero hay que poner en marcha algo: otras situaciones – iniciar un deambular, andar, un nomadismo que no implica necesariamente un desplazamiento del cuerpo, pero que puede darse en una estantería, incluso en un proceso de escritura. Tal movimiento es el que impulsa, en un circuito de retroalimentación, un proceso para operar, inseparable del movimiento y nomadismos de las líneas de fuga disparadas desde los baches: germinadores de medios, marcas cero, puntos de cruce. Un proceso nómada desborda márgenes de error: no del error como borrado (aunque la idea es interesante de investigar), sino del error como errancia. Los márgenes de error, al ser perforados por el andar cojo y errante del artista investigador, dan rienda suelta a vibraciones, reverberaciones y resonancias.

PALABRAS-CLAVE

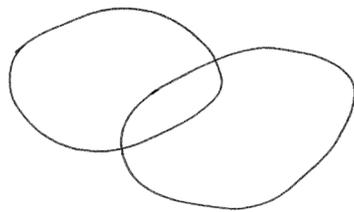
Procesos artísticos; Procesos de escritura; Diagrama; Nomadismo; Rizoma.



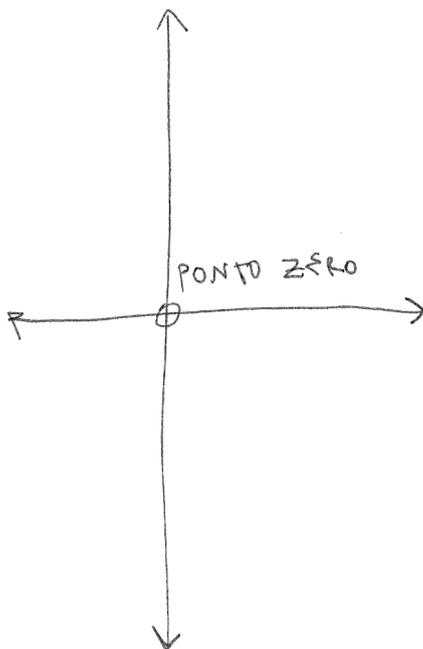
(NOMADISMO)



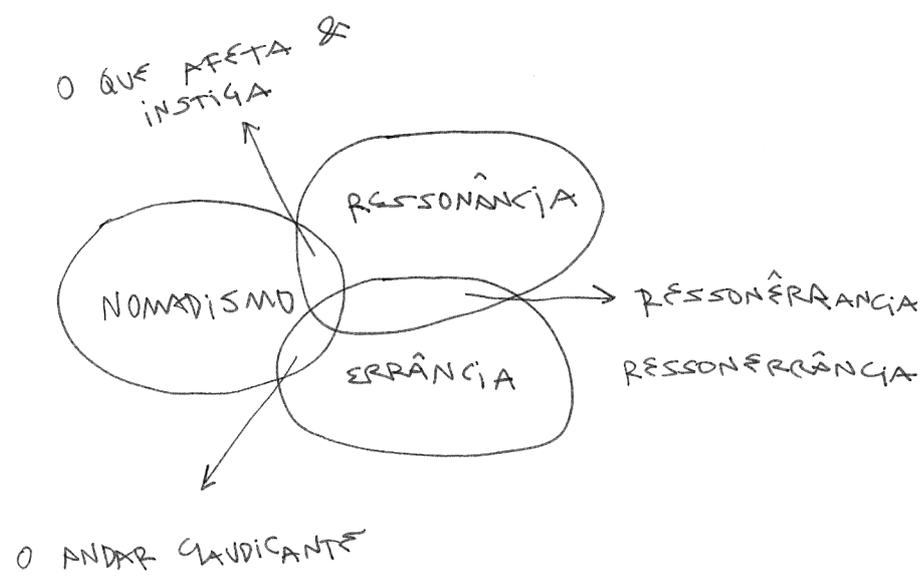
ENTRELAÇO



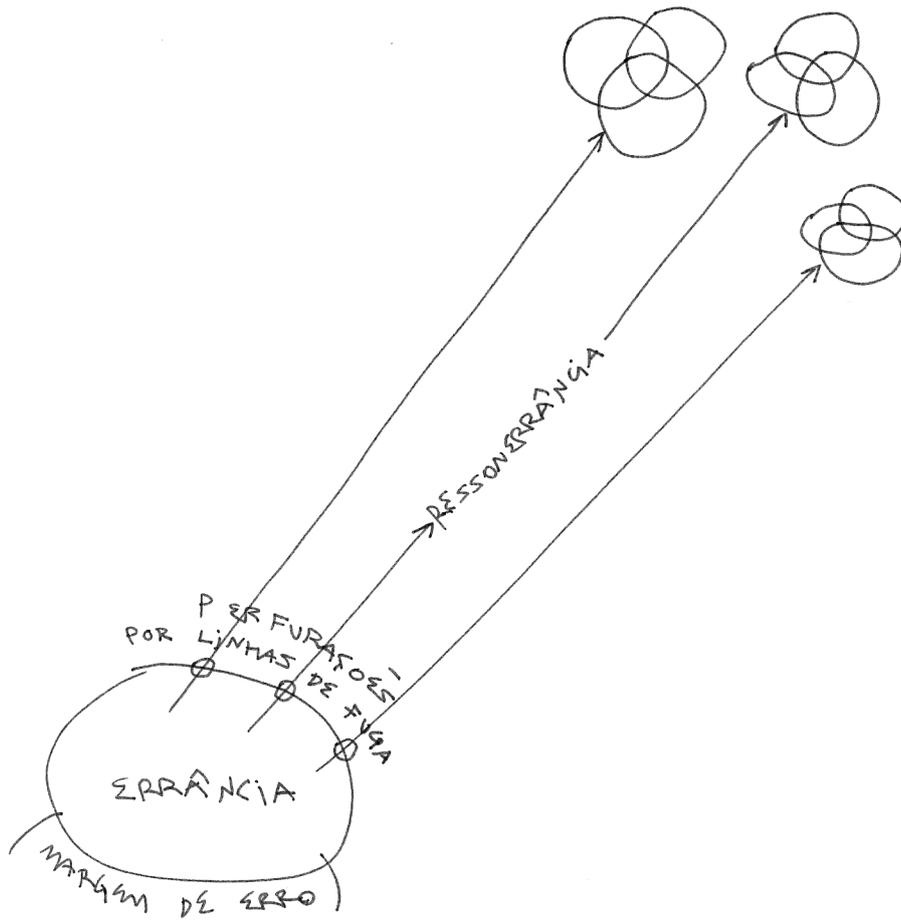
ESTAR EM DOIS LUGARES
AO MESMO TEMPO

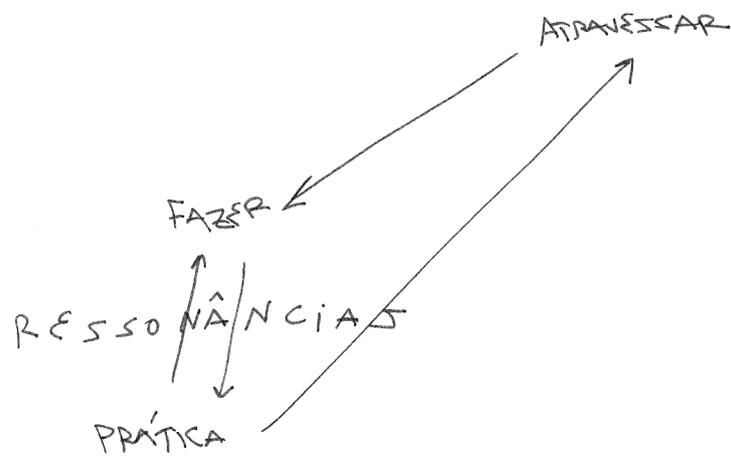


MEIO CAMINHO ANDADO
ENTRE O TERMO & O INFINITO



(NO MEIO SE DÁ O PROCESSO)





Submissão: 02/07/2022
Aprovação: 20/07/2022